



O Galato

AVENÇA

1 de Março de 1975 * Ano XXXII — N.º 808 — Preço 2\$00

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

 Fundador: **Padre Américo** * Director: **Padre Carlos**

O nosso jornal

Setúbal

«Como seria bom ouvir hoje o Padre Américo! E talvez não, talvez não seja necessário: necessária foi a sua antecipação, a sua antevisão, a sua revolução evangélica, traduzida numa praxis a favor dos «sem voz» e que incomodou os senhores detentores das vozes. Foi, afinal, um profeta a indicar caminhos.»

Com este número entra «O Galato» no seu 32.º ano. Ia em meio o 13.º quando Pai Américo nos deixou. «Como seria bom ouvi-lo hoje», dizemos nós, também, com o leitor de quem colhemos o mote extraído de carta publicada na derradeira edição! Dizemo-lo com bem maior veemência, porquanto esta porção da sua herança não foi das menos difíceis e tê-lo conosco, poder continuar a ouvi-lo, ter-nos-ia sido libertação para tantos outros encargos inerentes à missão de pai de família — de uma Família tão numerosa e complexa de construir — encargos que urgem e nos devoram sem que cheguemos a abraçá-los quanto era necessário. Quem, como nós, desejaria tê-lo ainda hoje, nem que fosse somente a escrever «O Galato», ele que quase sozinho o fez durante doze anos e

meio, o bastante para lhe imprimir o indelével carácter do seu carisma?!

Deus tem os Seus desígnios. Os Seus pensamentos não são os nossos pensamentos. As Suas razões não são mensuráveis pela nossa lógica. Na verdade, seria bom ouvi-lo hoje, ainda, mas não é necessário. A sua antecipação, a sua revolução evangélica, a sua vocação profética fielmente correspondida, ficaram gravadas nas páginas de «O Galato». De modo que a Voz que por ele falava continua a falar, sem se prender na trave da língua dos Seus porta-voz, estes pobres tartamudos que, de si, não sabem dizer nada e vão dizendo o que Deus quer comunicar por eles.

A presença de Pai Américo nestas colunas foi um testemunho precioso. Mas a sua ausência é argumento incomparavelmente apodítico de como o Espírito sopra aonde quer e quando quer e como quer. O argumento vai aí desdobrado nas páginas interiores, conforme é tradição. Os ecos dizem da Voz, porquanto as nossas próprias vozes são vulgaridade que se perderia no vazio da vulgaridade.

Já era assim com Pai Américo. Mas a sua voz tinha tais acordes, que nele ainda os homens se poderiam enganar (e enganaram!), posto se não cansasse ele de apresentar o contraste autêntico do seu dizer: in nomine Domini! Também tal cabe nos desígnios de Deus: dar tanta Graça Sua a um homem que até os homens que O negam, não podem recusar o fascínio que a Graça lhes produz reproduzida num homem como eles. Foi assim com Herodes e João Baptista. Foi assim com os Profetas e os seus perseguidores. Com Tomás Becket e o rei de Inglaterra seu algoz. Com os santos de todos os tempos e os homens cativos do Tempo, perdidos da Eternidade, tendidos entre o encanto ascensional do divino e a submissão escrava à

Vim passar dez dias a descansar na aldeia onde nasci e vivi os primeiros doze anos. Situa-se na Beira Litoral, entre Aveiro e Figueira da Foz. Achar-me no á-vontade da casa paterna, a economia com que posso descansar e o apreço paternal da minha companhia.

Aproveito para dormir, reflectir, rezar e conviver. Impressiona-me extremamente a vida deste povo da aldeia, rico de qualidades humanas e de defeitos nascidos do seu ambiente socio-económico. A maioria é de camponeses com as suas pequeníssimas terras repartidas por vários locais e uma actividade tremendamente trabalhosa cujo processo vejo idêntico ao de há 30 anos.

As culturas são as mesmas. O modo de estrumar os campos e de transportar o esterco nada evoluiu. Os carros de tracção animal puxados por vacas leiteiras quase sempre guiados por mulheres, calçadas de botas de plástico ou descalças, de vara ao ombro, ao lado da vaca ou à frente do animal, com a sogá na mão, fazem-me reviver os tempos da meninice.

São muito raros os indícios da técnica. Há umas ordenhas mecânicas onde cada camponesa leva uma, duas ou três vacas leiteiras. Numa ou outra aldeia, existe, para alugar, um tractor. Mais nada. Esta zona tem sido e é uma colónia da cidade de Lisboa, que lhe bebe o leite a preços ridículos e com pagamentos a prazos de exploração abusiva (nesta altura há mais de 4 quinzenas que não pagam); que lhe come o feijão e a batata, cujos lucros se diluem por intermediários, etc. Se há aqui e além uma casinha melhor foi construída com economias heróicas vindas de França. A sua alimentação é rudimentar: à base de batata, pão ou boroa, hortaliças e o porco, guardado na salga-

Tribuna de Coimbra

● O Joãozinho fez nove anos. É da tribo dos Macondes, do norte de Moçambique. Veio para nós com dois anos, trazido pelos militares que o criaram, pois ficou sem família.

Temos dado sempre ao Joãozinho muitos carinhos e tem sido até reizinho, embora o seu lugar familiar seja igual aos outros.

O dia de anos do Joãozinho é sempre mais festejado, pois são vários a fazer anos nesse dia e tem sido ele a agradecer as prendas e o «Parabéns a você» e costuma fazê-lo com muita graça. Este ano subiu de novo à cadeira e, num tom muito sério disse: — Qualquer dia já tenho pátria, para me ir embora.

Não nos admiramos muito porque o Joãozinho já tem manifestado atitudes semelhantes na escola e nas suas brincadeiras. Mas ficamos sempre sem entender bem o porquê de tais atitudes, visto que o Joãozinho tem sido sempre muito bem tratado. A raça? A cor? A terra? A natureza?

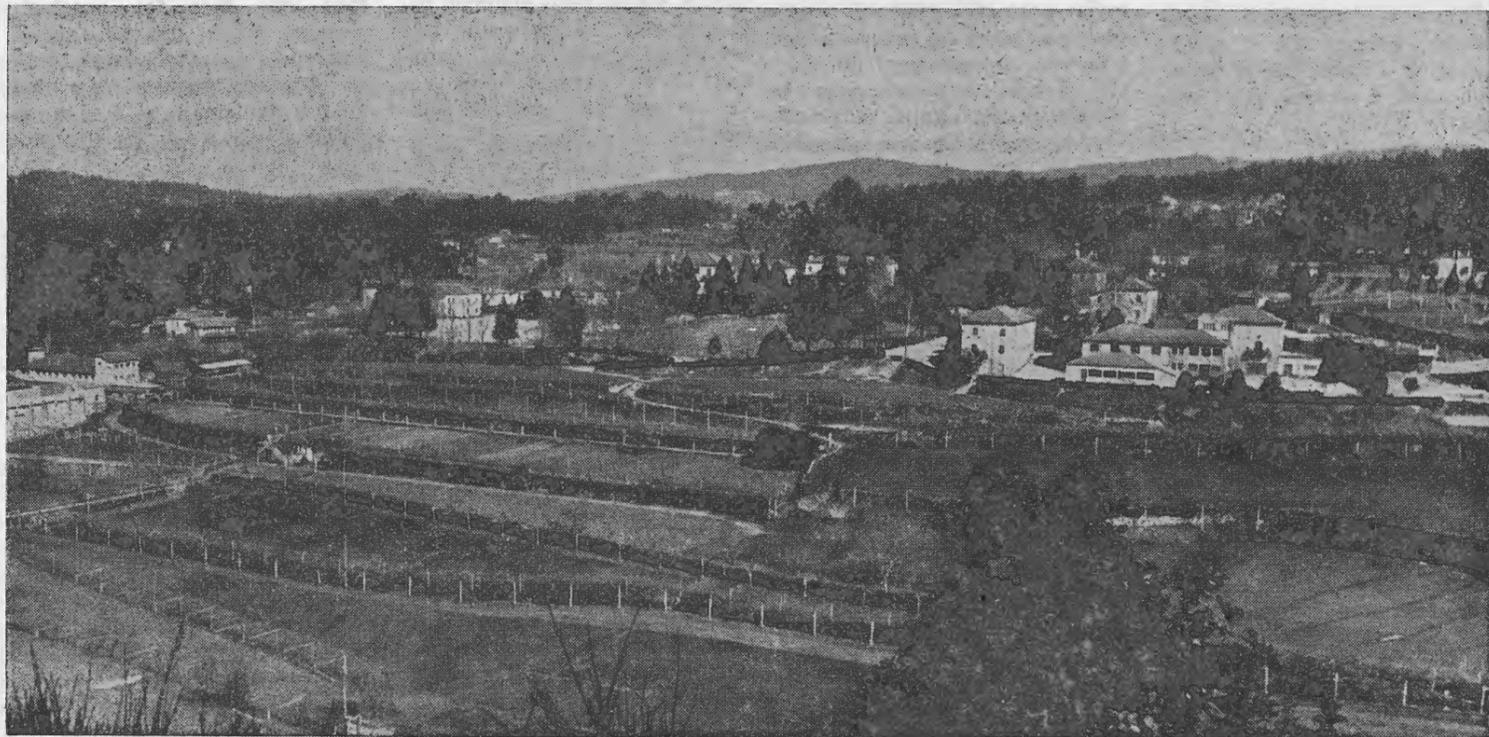
● A mãe da Maria do Rosário veio passar uns dias conosco. É viúva e tem 92 anos. É uma relíquia de simplicidade e delicadeza. Tem muito receio de incomodar e ensina-nos a rezar. Fala com muito carinho para todos os meninos. Ela foi mãe

Continua na QUARTA página

Cont. na QUARTA página

Panorâmica da nossa Aldeia de Paço de Sousa

«Nasceu-me dentro da alma — disse Pai Américo — no tempo em que me ocupava a ver Presos na cadeia; e aprendi de cor que aquele homem repelente, dado como incorrigível pelos oficiais da Justiça e entregue aos ferros por tempo sem fim — esse homem foi uma adorável Criança nascida num berço triste. Aborrecida da Mãe... Aborrecida do Mundo... E nesta ausência de amor começou a série dos crimes(?)... Pois não será mais assim. Virei as costas ao Condenado e o rosto à Criança da rua, para que o não venha a ser.»



Cont. na QUARTA página

Ontem como hoje e sempre, a presença dos nossos Leitores é a maior e melhor fatia do número de aniversário!

«São documentos de vitalidade perene da Doutrina de Jesus. Classes. Categorias. Idade. Política. Sexos. Os descontentes. Os afastados. Os contra. Os a favor. Todos e cada um em seu estilo afirmam que «nunca nenhum homem assim falou».

Mais. Eles testemunham, ainda, alto e bom som, como não é vão o esforço pessoal ou comunitário por um Mundo Melhor. Sobretudo nas grandes viragens da História, cujos ventos, se causticam, descobrem nos homens potencialidades humano-divinas de que nunca dariam fé...

Colabor

dialogar um pouco, de vos apoiar, de vos ajudar. Olho para nós a quem nada falta, e sinto como a nossa vida está longe de ser cópia da d'Aquela de quem dizemos ser seguidores.

Tenho gostado imenso de ler os vossos jornais, editados depois do 25 de Abril. Todos os grandes diários entraram numa euforia de liberdade, de reivin-

«Através de meia dúzia de letras que apressadamente escrevo nesta folha de papel, para os amigos de Paço de Sousa e para os de todo o País que vivem sem um lar e sem os carinhos de uma família constituída, venho pedir desculpa de só hoje a vós me dirigir.

Cá tenho recebido com assiduidade o vosso jornal que de dia para dia está cada vez mais completo e com melhor aspecto, e que de cada vez que abro a caixa do correio e o vejo, até parece que é uma luz nova que se acende em minha casa, e enquanto o não ler de fio a pavio não o largo...»

«Lemos sempre o jornal de fio a pavio e a minha amiga como tem a vida muito presa levou-o agora para o poder saborear.»

O «FAMOSO»

Casa do Gaiato e para todos os meus respeitosos cumprimentos. Irene.»

«Não sou eu propriamente o assinante, mas sim a minha filha.

O facto de ser ela a assinante e não eu, é coisa sem importância, pois foi meu falecido pai que a inscreveu praticamente desde que nasceu, já lá vão 12 anos. E se até agora ela não pode, pela sua idade, colher os imensos frutos da leitura do «Famoso», dou graças a Deus pelos que tenho colhido, sem ter dado seja o que for, pelo que eles merecem realmente.»

«O que envio, não sei se chega para liquidar a dívida, mas prometo enviar mais algum quando puder.

Um favor quero pedir (e desde já agradeço): não deixem de enviar o jornal, eu aprecio muito e medito-o. Nos tempos sombrios que atravessamos é a única leitura que me dispõe bem e me dá a paz interior.»

«É-me sempre muito agradável ler tudo o que nele vem e muitas vezes ajuda-me a encontrar aquele são equilíbrio que tanta falta faz no meio da inversão de valores a que assistimos neste mundo conturbado pelas ambições humanas.

Muito admiro a Obra do Pai Américo que os senhores com tanta nobreza continuam; que Deus os abençoe pelo bem que fazem e por terem encontrado a verdadeira Liberdade pela Caridade.»

«Já há alguns meses que eu ando para vos escrever e mandar uma pequena ajuda todos os meses, mas o trabalho e a preguiça têm-se apoderado de mim; de maneira que só hoje vos escrevi e reuni os 5 meses que estou no Porto a servir e tenho acompanhado a leitura do vosso pequenino jornal e me têm enchido de ternura; assim vos passo a mandar 20\$00 por mês.

Despeço-me com muitas saudades para os pequeninos da

«Só agora consegui dispor-me a cumprir um dever que há já algum tempo se impunha fazer-lo: o pagamento da assinatura de «O Gaiato».

Uma das coisas que me fazia adiar a sua liquidação era talvez a falta de ponto de referência — quantos escudos pela assinatura do jornal — uma vez que depende do critério de cada um, mas talvez por haver total liberdade na atribuição de uma importância a dificuldade seja maior.

Penso na realidade que o valor de «O Gaiato» não se pode medir em função do lustro das imagens das suas folhas ou de outros aspectos semelhantes, mas antes e isso sim, pelo «sumo» que elas deitam e neste caso julgo serem autêntica fonte.»

«O Gaiato» continua a ser o único jornal lido em nossa casa. É o único que conheço que não mente, não engana e nos eleva. O único que nos dá vontade de sermos melhores, amar os outros e Deus. O que nos ensina a esquecer um pouco de nós próprios...

Bom seria que todos o pudessem ler, compreender e sentir. Deus dê a todos, que aí trabalham saúde e coragem para continuar.»

«O Gaiato», ao longo dos seus anos de publicação, tem sido o arauto da Verdade, do Amor, por isso o arauto de Deus.

É pena que, ainda hoje, os homens por vezes pretendam construir um mundo novo, sem alicerçarem esse mundo novo no Amor e na Justiça. Que responsabilidade para nós cristãos! Tanto nos temos esquecido de penetrar nas verdades duras do Evangelho no que elas constituem de obrigação, de doação, de renegarmo-nos a nós próprios!

A voz do Alto que sempre nos chega com «O Gaiato» é um

alerta extraordinário para amarmos o Próximo como a nós mesmos, desinstalando-nos, amando a Deus em Verdade.

Obrigado por tudo o que me tendes dado ao longo de tantos anos, já não me deixando esquecer que vivo para servir e não para ser servido.»

«Sou completamente só, não tenho ninguém; tenho que andar a trabalhar e sem poder. Entro tarde e saio tarde. Nunca chego a casa antes da meia-noite. Quando chego a casa já pouco me apetece fazer e já não sou nova (64 anos); quando muito vou para a cama ler até às 2 da madrugada, o que acontece quando chega «O Gaiato», devoro-o todo de ponta a ponta, nem um bocadinho fica por ler; umas vezes fico triste com certas coisas que leio, que me vêm as lágrimas aos olhos, outras vezes rio-me e acho graça com as traquinices dos «Batatinhas».

«Agradeço-lhe «O Gaiato» que chega sempre à hora marcada e me dá uma imensa satisfação! Passo a festa numa Academia, perto de Kiel, descansada. Em geral estou sobrecarregada de trabalho, ao pé do Procurador do Estado, porque sou a única portuguesa cá — para as interpretações portuguesas, alemãs e vice-versa. De vez em quando tenho coisas muito equívocas! Da saúde? Graças a Deus, sinto-me como uma rapariga de 20 anos! Gostaria muito tomar rumo para Portugal, mas não sei ainda de que modo reservar o tempo necessário!»

«Com os meus respeitosos cumprimentos de muita consideração e desejando as maiores prosperidades para este formidável Órgão formativo de consciências, quero que inclua nas suas orações este humilde e pobre pecador que tão necessitado se encontra.»

«Caros amigos de «O Gaiato»: Todas as vezes que recebemos o vosso jornal tenho tenção de

dicações, de vinganças e talvez... casaca, viradas. Gostei de ver «O Gaiato» que disse sempre o que tinha a dizer, falar apenas de amor, compreensão do homem pelo homem, humildade e trabalho!»

«Peço o favor de suspenderem o envio do jornal «O Gaiato». Sei quanto está caro o papel, impressão, etc., e como pouco ou nada se lê cá em casa, não acho justo estar a receber um jornal para não ser lido, como era preciso.

Eu continuarei a mandar uma importância, todos os anos, como o costume e assim nunca me esquecerei de Obra tão importante como é a vossa.»

«Peço o favor de não mandar mais o jornal no fim deste ano.

A razão é que tenho 75 anos, estou doente e decerto não chegarei até ao fim do ano, e não quero que mandem o jornal em vão, pois nenhum dos meus netinhos se interessa pelo meu querido jornal. E vós éreis os prejudicados.

Uma velha amiga.»

«Tenho recebido quase todos os livros da Editorial mas como, umas vezes mais, outras vezes menos, tenho feito algumas pequenas remessas para vós, não sei se estou em dívida material para convosco, pois em dívida espiritual estarei sempre.»

VOZES DE

«Muito agradeço o jornal que tenho recebido com regularidade. Muito me tem ajudado com os sábios e santos ensinamentos de que vem repleto. Que Deus continue a dar-vos coragem para continuar a fazer das crianças infelizes, homens válidos.

Por favor pedi aos meninos que peçam a Deus, para mim, a saúde indispensável para poder amparar um menino que também me pôs nos braços (meu único filho) e que não é normal.»

«É com pedido de um milhão de desculpas por tamanha demora em saldar meu débito quanto ao «Famoso», que é para mim além de encantamento um grande bem para a alma, tão necessário.

Como guardo tudo que se refere às Casas do Gaiato, tenho o primeiro número que meu irmão recebeu (foi quando Pai Américo esteve aqui no Brasil e visitou a empresa onde ele trabalhava), verifiquei que a última remessa dos pouquíssimos escudos (que nem cobrem

ação dos Leitores

Inquietação Sacerdotal

«Tantas vezes tenho pensado escrever... Desculpem a minha falta de delicadeza!

Recordo como fui acolhido, há já uns 5 anos, em Paço de Sousa. Nessa altura também visitei o Calvário... Estas coisas nunca mais esquecem.

É preciso que não desanimeis. Por vezes é difícil. Mas a seguir à escuridão vem a luz.

Abraça-vos com muita amizade o irmão e amigo em Cristo Jesus.»

Contem com as nossas orações. Que Deus os ajude.»

«Os meus votos de coragem, luz e amor.

Vou acompanhando todo o vosso labor através de «O Gaiato».

Alegro-me com tudo quanto fazéis a bem dos da Rua, continuando o rumo traçado pelo Pai Américo que aí em Paço de Sousa me recebeu um dia que aí fui com pessoas.

Herdastes uma pesada tarefa, nobre a todos os títulos, graças ao Senhor; tendes sido fiéis a ela, mesmo com as vossas limitações.

Não sei se na minha freguesia há assinantes de «O Gaiato», pois vem para cá muita

Imprensa católica, mas lembro estes nomes a quem enviareis o jornal...

Irmão no vosso ideal.»



«No número 19 de Janeiro, deparei com o título «O Barredo». Eu gosto imenso dos livros do Pai Américo, pois neles encontro a flor do Evangelho. Não quero perdê-lo. Peço e agradeço que mo enviem. Incluo aqui nesta 100\$, nota da Metrópole. Queria dar mais, mas de momento não posso. Aceitem o pouço com agrado, que Nosso Senhor ficará contente igualmente.»



«Aqui Coimbra:

Agradeço o livro «Doutrina» que me enviaram. É o décimo segundo livro que possuo de Pai Américo. Não é mais um livro para a minha estante. É um livro, como todos os outros, do mesmo autor, para ler e meditar.

Na próxima semana passarei pela Editorial para entregar alguma importância.

Ainda hoje acabo de ler «O Gaiato» que me foi entregue por um dos Rapazes do Lar de Coimbra. Sempre que o recebo não tenho paciência até que não acabe de ler as últimas.

Permiti que vos diga, com toda a verdade, a grande influência que todas as leituras, acima referidas, têm tido na minha vida: todas elas são vida, vida que irradia, vida que se transmite.

Pai Américo tem sido como que uma «estrela incandescente» a guiar os meus passos rumo ao Sacerdócio. Sou pré-finalista do I. S. E. T. de Coimbra e faço parte duma equipa de Promoção e Evangelização do Povo Cigano desta Diocese. Por isso, sinto vivamente os problemas deste povo marginalizado da nossa sociedade portuguesa. Há várias famílias às quais ninguém quer alugar uma casa. Daí que, algumas vivem em barracas de madeira, outras em tendas, outras nem sequer possuem uma tenda, etc.»

Presença de África

NOVA FREIXO — Moçambique

«Envio 500\$00 para «O Gaiato». Isto por cá está uma situação triste... Nós que tanto trabalhámos...!

Meu marido, que Deus tenha em descanso, veio para cá em 1920 e eu em 1926. Não havia comércio, não havia agricultura, só havia capim, mosca do sono, toda a qualidade de bichos. Fui a primeira branca que vim para o interior do mato. Fui sempre respeitada e querida por brancos e pretos...

Consegui vencer na vida sem prejudicar nem roubar ninguém. Fui eu que dei o nome a esta cidade e à igreja. Era tudo mato, sem água. Meu marido foi sócio-fundador do clube. Foi ele e os amigos que fizeram a igreja. Não havia recursos nenhuns. E é triste estarmos em sustos...

Seja o que Deus quiser. Da minha casa ninguém me tira. Só quando me levarem para o pé do meu saudoso marido. Já cá tenho um filho, duas irmãs, três cunhados, um sobrinho e um neto no cemitério que nós mandámos construir...»

NOVA LISBOA — Angola

«É nosso hábito mandarmos uma determinada importância todos os anos para a assinatura do jornal «O Gaiato»...

Vamos enviar nesta data 1.000\$ para a vossa Casa de Benguela. Tem de ser assim. Teremos de passar a auxiliar as obras desta terra e não as de fora, muito especialmente as daí, onde nos cognominam de ladrões. Esquecem-se de que os ladrões não são aqueles que aqui mourejam há dezenas de anos, mas sim os que consentiram que meia dúzia deles nos explorassem, a pretos e brancos, pois não foram só os pretos a ser explorados...»

Vozes da Juventude

«Caros amigos:

Aqui têm mais uma vez o «Migalhas Tripeiro» a saudar-vos. Na minha frente tenho o vosso maravilhoso jornal «O Gaiato» em que vejo uma carta minha publicada. Quero agradecer a vossa atitude, pois se vos escrevo é porque tenho imenso prazer em comunicar com todos vós. Esse jornal foi-me oferecido por um ex-Gaiato que se encontra cá comigo e na presente é furriel miliciano, provando uma vez mais que a vossa Obra é digna de louvor; porque de certeza, caso fosse um indivíduo abandonado não teria, já não digo este posto, como seria uma pessoa que infelizmente a sociedade olharia com desprezo.

Quero uma vez mais agradecer ao nosso Pai Américo tudo quanto tem feito por mim nesta fase tão difícil da vida que atravesso. Por favor faizei uma oração a Ele, pois sei que me acompanha sempre.

Bem, caros irmãos, hoje fui um pouco mais longe. Desculpai. Aqui vos envia saudações o «Migalhas Tripeiro».

«Já várias vezes tenho lido este jornal, através de pessoas amigas. Agora resolvi ser assinante.

Sou um jovem militar desde 14-1-974. Presentemente encontro-me em Braga. Até à data tenho sido ajudado por Jesus nesta difícil missão, só o que mais me preocupa de momento é vir a ser mobilizado.

Em Cristo me despeço, com um abraço fraterno para todos.»

EMIGRANTES

as despesas postais) é de Junho de 1966 e apesar disto os senhores, como fazem sempre, continuaram a mandar. Eis a razão da minha grande vergonha.

Para dizer-lhes o que a Obra do Gaiato significa para mim, levaria outros oito anos iguais aos da dívida e não diria de toda a admiração que vem do inesquecível Fundador, aos seus continuadores. Diga-se de passagem que o espírito e o ideal da Obra continua tão exactamente o mesmo, que ao ler as crónicas de hoje parece-nos as

do Pai Américo. Até mesmo nas pequeninas crónicas escritas pelos mais jovens, nos dão lições a velhos como eu, que vão ao fundo da alma.

O meu grande sonho é ir um dia a Portugal, berço de meus falecidos pais e poder visitar as Casas do Gaiato.»

«Sou uma de entre milhares de emigrantes que na esperança de melhorar a vida abalaram da sua terra.

Tenho uma tia que de vez em quando me envia jornais para eu estar a par do que se vai passando em Portugal; sempre me manda juntos uns quantos «Gaiatos», que devoro imediatamente.

Sou admiradora, desde que nasci, do nosso Pai Américo, que tive a suprema felicidade de ver muitas vezes, tanto em Paço de Sousa como no Porto.

Tem esta por fim pedir-lhe o favor de me enviar o livro «O Barredo». Eu por mim queria-os todos, mas sou pobre;

Obra da Rua

«Prouvera a Deus que a Obra da Rua já não fosse necessária no Portugal novo! Que todas as famílias fossem bem constituídas, que nelas imperasse o grande Amor, que é o de Cristo, que em todas houvesse pão em abundância, paz, compreensão, alegria.»

«Caríssimos amigos:

Pedindo a Deus as maiores venturas, neste ano que agora se inicia, para a Obra que prosseguiu, venho hoje, finalmente, pôr em dia ou pelo menos tentar, as minhas contas para convosco.

Recebo regularmente, o que agradeço, as vossas publicações — jornal e obras do Pai Amé-

rico. Sou, há longos anos, alguém que muito aprecia a vossa tenacidade em continuar as pégadas de quem com tanta devoção dedicou a sua vida à educação da Criança. Não me parece a vossa tarefa mais fácil que a do Fundador, já que os tempos que correm são difíceis se mostram a quem procura educar segundo canones já ultrapassados para tantos. Por isso, devem as orações daqueles que nos acompanham, quanto mais não seja, espiritualmente, ser redobradas na sua intensidade. Que Deus nos dê forças para enfrentar o futuro, são os votos sinceros deste vosso amigo, que pede também ao Pai forças para educar os seus dois filhos.»

se a sorte não nos favoreceu aí, não melhorou grande coisa por cá, pois se se ganha mais, as doenças e o desemprego levam tudo.

Meu marido está doente e desempregado desde Janeiro, só eu trabalho e tenho saúde, graças a Deus.

Quando cá chegar o livro mando-lhe o dinheiro que eu não gosto de dever nada a ninguém. Eu sei que esses livros não há dinheiro que os pague, mas ao menos para o papel e para a tinta.

Muitos beijinhos aos «Bata-tas». Peço, se for possível, que eles rezem um pouco por dois pobres pecadores.»

«O motivo que escrevo mais cedo este ano é o seguinte: tenciono deixar os Estados Unidos, não porque esteja rica, mas a vida vai má em todo lado e trabalhar para comer aí também se ganha. As saudades da família a cada instante, da terra onde nascemos, por mais que façamos e que vivamos com mais fartura de tudo, ainda que aí não tenha facilidades em adquirir, mas para mim nada tem grande valor, por isso tenho pena e sei compreender os Gaiatos e dou valor e apreço tudo o que a Casa do Gaiato faz por eles, por não terem família, ou certos casos é o mesmo que a não terem...»

Em número de festa, temos o prazer de noticiar que recebemos uma boa *fornada* de novos Assinantes. Mais de 200!! Cerca de dois terços oriundos da Província.

● A VOZ DOS LEITORES

Escolhemos algumas legendas e cartas. Uns, pedem a inscrição sem intermediários e expressam alto e bom som: «*quero ser assinante*». O verbo querer tem muita força! Outros, sublinham ou lamentam: «*Apesar de ter feito algumas tentativas só agora consegui uma assinatura*». «*Apenas uma assinatura, a primeira em tantos anos de assinante!*...» Outros ainda, delicadamente, pedem a mudança de inscrição por morte de familiares. Oportunos. Delicados. A delicadeza cristã! E que dizer dos que preferem o jornal pelo correio — como assinantes — em vez da visita do pequeno vendedor? São violências que apreciamos. Mais; quem nos dera que todos assim fizessem!...

Quiseramos dar nota de tudo e de todos. Não pode ser! O certo é que jamais poderíamos «*esconder debaixo do alqueire*» esta carta, retalhada, da capital:

«*Há muito que leio o vosso jornal, o vosso belo jornal.*

Assinei-o em tempos. Nos meus tempos de rapariga. Depois, quase o esqueci, não deixando no entanto de sentir sempre pela

Novos Assinantes de «O GAIATO»

vossa Obra uma grande ternura. E comecei a comprar o jornal aqui e ali ao acaso dos vossos Gaiatos. Achava assim pretexto para acrescentar ao preço do jornal migalhas que deixavam mais leve a minha bolsa e o meu coração.

Recebi muito da vossa Obra. Mais do que dei.

Hoje pensei que seria melhor fazer uma assinatura. É bom que não nos deixemos absorver pela luta e pelas aspirações de cada dia. É preciso darmos, de vez em quando, uma sacudidela para não esquecermos as Verdades do Evangelho.

É tão difícil vivê-lo neste mundo louco em que todos se atropelam!

Como gostaria de levar também os meus filhos a sentirem a vossa Obra e não consigo. Como é difícil conseguir fazê-los ver coisas para além do seu mundo egoísta de privilegiados. Filhos com pai e mãe que os amam, com relativa abundância material. Filhos que sendo bons vão crescendo longe de ideais... Ideais que ainda mantenho. Esperança que ainda tenho num Mundo Melhor...

● DE NORTE A SUL

Porto e Lisboa perderam terreno, mas ainda se destacam no meio da procissão. Setúbal, um ror de caras novas! Mais S. Ro-

mão (Vila Cova), Carracedo de Montenegro, Faro uma e outra vez, Roriz, Sintra, e Bustos aos grupos. Outro de Carvalhosa. Mais Loures, Senhora da Hora, Parede, Cacia, Brandoa, S. Pedro da Cova, Paço de Sousa, Algueirão (Sintra), Espinho várias presenças. Unhais da Serra, Formelo, Caramulo, Póvoa de Varzim, S. João da Madeira, Covilhã, Braga, S. Mamede de Infesta, S. Pedro do Sul, Candelado (Gaia) e Padrão de Moreira. Muita gente de Ovar, Vila da Feira, V. N. de Gaia, Lagos, Albergaria-a-Velha, S. José das Matas e Angeja. Castelo de Sezimbra não falha! Duas assinaturas e um comentário: «*por hoje mais nenhuma — o que é pena!*» Agora, vem lá Esgueira (Aveiro), um grupo da Amadora, Paradelas (Valpaços),

Avintes e uma lista de Seizezelo (Gaia) com dezes de Grijó, Ovar, e Porto. Outra lista, entregue em mãos por Ferroviário reformado com uma série de S. Mamede de Infesta, Porto, Valbom (Gondomar), Bustelo (Penafiel), S. Tiago de Bougado, Rio Tinto, V. N. de Gaia e Ermesinde. O Bancário, nosso conhecido, motivou mais três camaradas. Outro grupo do Sardoal, Guarda e Barreiro — inscrito também em nossa Editorial — pedindo o «*Doutrina*» e sublinhando «*a grande oportunidade da saída, neste momento, do referido livro — guia seguro em tempo de confusão*». Póvoa de Santo Adrião: «*É com muita alegria que depois de longa ausência vos mando dois novos assinantes...*». Mais Sacavém e Lavradio. Coimbra uma data de vezes!

Mais Algés, Atouguia da Baleia, O'iveira do Conde, Tocha e Queluz. Por fim, o amigo Moura, de visita à nossa Aldeia, pede 20 exemplares de cada edição e vai incendiar muitas almas no Marco de Canavezes! Toma lá mais um grande xi, pela firmeza da tua fé. Deus te ajude.

Uma grande *fornada* de novos Leitores!

● COMUNIDADE LUSÍADA E ESTRANGEIRO

ANGOLA: Benguela, Sá da Bandeira, Lobito, Malanje, Luanda, Nova Gaia e Henrique de Carvalho. BRASIL: Rio de Janeiro, S. Paulo e Copacabana. ESTADOS UNIDOS: Warwick e Albany. AFRICA DO SUL: Pretória.

Júlio Mendes

Setúbal

Cont. da PRIMEIRA página

deira, dá para todo o ano. A higiene é a tradicional dos seus avós. A maior parte das habitações não tem casa de banho.

A sobrevivência absorve todo o tempo e todas as energias desta pobre gente que trabalha sempre mais de dez horas diárias, sem fins-de-semana nem férias e que chega, em determinados períodos de sementeiras ou colheitas, a trabalhar

14 e 16 horas por dia. Este povo não dá fé da situação injusta a que a sociedade o vota. Não tem tempo para pensar nisso. Não tem indústria. Não tem escolas secundárias nem infantis para os seus filhos. São quase uns autómatos. O número de diminuídos mentais é assustador. São mesmo numerosas as famílias cujos pais são muito débeis mentais, em proliferação abundante de crianças mais diminuídas ainda. O povo encontra a explicação

para esta miséria na «*sorte*» ou então na «*qualidade*» das pessoas. «*É uma gatinha que não presta*» — dizem.

A sua religião é tradicional. Pouco esclarecida. Pouco empenhada. Sem exigência dinâmica de realização pessoal e colectiva fixando-se muito numa antropologia dualista ultrapassada e alienante da salvação da alma.

É, no entanto, um povo generoso, com capacidade de trabalho enorme, afável e acolhedor, cheio de riquezas inexploradas.

Para fazer evoluir esta gente que tem direito a ser sempre feliz é necessária uma cruzada cheia de amor pelo homem. Uma cruzada de esclarecimento, de cultura pela qual o povo veja que as suas estruturas são técnica e economicamente erradas. É necessário criar-lhe necessidade de associação pela absorção da sua mão de obra e por seus pequenos capitais em indústrias. É necessário mostrar-lhe com experiências, feitas por eles, as vantagens do coletivismo.

Como juntar as terras? Como juntar as vacas e os outros animais? Como produzir muito mais com menos trabalho bruto? Como comercializar os seus produtos? Como perceber melhor a vida para a saborear melhor e ser mais feliz?, etc., etc... O Portugal novo que se anuncia obriga-nos a olhar para o povo no seu concreto.

Enquanto para outras camadas sociais e outras zonas do País a revolução trouxe regalias que já desfrutam, para este povo só trouxe ainda prejuízos e complicações.

Há necessidade de planificar uma descolonização mesmo dentro do próprio território nacional.

Padre Horácio

Padre Acílio

O nosso jornal

Cont. da PRIMEIRA página

horizontalidade do imediato.

Pai Américo foi uma pedra no charco do homem instalado — «*uma voz que incomodou os senhores detentores das vozes*» — e continuaria a sê-lo hoje no decorrer de processos de novas instalações. Não dá nenhuma garantia clamar que se ama o homem pelo homem. Se o amor do homem ao homem não passar por Deus, é transfusão de sangue fraco em sangue doente — vã, como é vã a meta de um cego guiado por outro cego.

Pai Américo amou o homem em Cristo. Pôs os seus olhos e comprometeu o seu coração com o Homem-perfeito, para se não cansar nem demitir do amor ao homem imperfeito. Não ama aquele que diz, mas o que empenhou todo o seu ser nas mãos de Cristo em proveito dos homens. Pai Américo proclamaria, «*incomodando, hoje, os senhores das vozes*» tal qual «*incomodou*» os de então, que esta é a verdade do amor, está aqui o fundamento da Justiça, a raiz da Paz, a eficácia do progresso social — e o resto são palavras que o vento leva antes de renovarem coisa alguma do que se quer renovado.

Trinta e um anos depois do primeiro vagido, dezoito e meio após a morte do Fundador, «*O Galato*» não pretende, afinal, senão ser o que ele foi: «*um profeta a indicar caminhos*», caminhos de «*revolução evangélica traduzida numa praxis a*

favor dos sem voz», que são tantos, que continuam tantos, cada vez mais abafados por tanta teoria que se apregoa sem vislumbre de tradução numa praxis.



Pai Américo, «*uma voz que incomodou os senhores detentores das vozes*».

Continuação da PRIMEIRA pág.

de muitos e com muito sacrifício.

A Maria do Rosário está conosco em Miranda do Corvo há 26 anos. Tem sido a mãe de toda esta família. É com muita alegria que vemos a sua mãe no meio de nós. As mães têm sempre muito para dar aos filhos, mesmo com 92 anos. Que Deus a conserve.

● No verão esteve em nossa Casa o pai da Maria da Luz. A Maria da Luz é a senhora do Lar de Coimbra há 27 anos. Este pai criou oito filhos e agora é viúvo e muito doente. Tem 83 anos e vive com um dos filhos e os outros ajudam. Se não fosse tão doente viria mais vezes estar conosco, pois gosta muito da nossa Casa, embora se preocupe com o peso que possa ser. Se somos família (e é isto que queremos ser) temos obrigação de receber com muita alegria os nossos pais e os nossos pais nunca poderão ser um peso para ninguém. Que Deus lhes dê saúde e os conserve e tenha em paz os que já chamou a Si.

● O Jorge de Bombarral fugiu. Estudava em Coimbra no 3.º ano. Foi criado pelos padrinhos que no-lo vieram entregar ainda pequenito. Há tempo começou a ser desafiado por familiares e acabou por fugir. Deixou-nos carta dum irmão a enviar-lhe dinheiro para o comboio e marcar dia e hora para a fuga.

O Jorge, na véspera de fugir, tinha ido vender «*O Galato*» à Figueira e deu contas. Tempo antes havia-me dito que a família

Tribuna de Coimbra

o andava a desafiar. Na fuga deixou-nos um bilhete e a carta da irmã.

Estas três ações do Jorge são três testemunhas a seu favor e a confirmar a confiança que nele tínhamos. Guardo o último beijo do Jorge dado na véspera de fugir. Mas guardo ainda mais fundo a mágoa pela sua fuga. E guardamos a mágoa destas famílias de muitos dos nossos que estão à espreita que eles façam 14, 15, 16 ou 17 anos.

Geralmente estas fugas corram a carreira que levavam. Este era estudante. Outros estão em oficinas. Muitas vezes ficam mais desempregados e mais marginalizados na sociedade. Por isso, não podemos deixar em silêncio este desabafo.



Gaiato

PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA

Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa

Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa